

A FALA DO MUNDO EM PRIMEIRA PESSOA

André Luiz Pinto

André Luiz Pinto, nascido no Rio, 1975, é poeta; formado em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade do Rio de Janeiro (UNI-Rio), atualmente cursa o sexto período da faculdade de Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), como bolsista de extensão. Autor dos livros: *Flor à margem* (1999), *Primeiro de abril*, ainda em prelo, para 2004.

Donizete Galvão, poeta mineiro de Borda da Mata, chega a seu sétimo livro, *mundo mudo*, após uma trajetória de quinze anos de edição, onde seu tema principal consistia na experiência de imigrante que ele fora e é, ao largar o interior de Minas para o anonimato da cidade de São Paulo. Donizete parece ter encontrado, nesse novo livro, uma síntese que não só conflui suas indagações sobre o campo e a cidade, como coaduna aspectos estilísticos difíceis de serem reunidos: consistência e simplicidade. Este livro, entretanto, pode vir a soar para os leitores de Donizete uma perda nas suas metáforas e algum maneirismo, que até aqui se mostrou fundamental para sua caminhada de aprofundamento temático. *Mundo mudo*, e é isso que procuraremos apresentar, mostra-se como um salto em relação às obras anteriores, não no que diz respeito à riqueza das metáforas, tampouco unicamente pela concisão. Donizete Galvão parece determinado, como já afirma no texto de orelha de seu livro anterior, *Ruminações*, ao citar Francis Ponge, “o mundo mudo é nossa única pátria”, em trazer à tona, do balneário nadificante das coisas imersas no mundo, entes destacados do mundo que se negam à totalidade, que se revelam tão díspares, que seu modo de ser perde qualquer esteio, só respondem pela singularidade.

Mundo mudo é um recanto de coisas que não se querem no mundo, que, no fundo, reclamam para si, pela voz do poeta, uma palavra: como no caso do poema *Deformação* (p. 74), onde a “pomba suja”, “urubuzinha da metrópole” é esmagada diversas vezes, até seu corpo deformar-se numa “chapa”, numa “pasta”; liquidificador no submundo da cidade. Eis os sinais de um simulacro. Se tomarmos o mote da filosofia, podemos dizer que o simulacro é um sinal de antinomia ao ser e ao mundo totalizado; o simulacro, sombra de Platão, está sempre ligado a nós, e díspare de nós mesmos. Vezes à frente, vezes atrás, as sombras dependem da posição do sol. As sombras não podem ser engolidas pelas luzes, nem mesmo de uma lâmpada; as luzes da cidade, representadas na *Lâmpada* (p.48), procuram ocultar as sombras, entanto são as

luzes artificiais, com seu poder artificial, que produzem as sombras e as concedem autonomia.

Esses simulacros guardam um “artefato de perfeição” (p. 46); seja a lâmpada, que por ser produzida industrialmente, já se trata de uma cópia (“De tanto ser vista,/ gasta-se a beleza/ das coisas que em si/ guardam a perfeição”), ou a berinjela re-descrita por Donizete a partir do poema de Cláudia Roquette-Pinto (“A berinjela irradia/ um sol às avessas/ explosão do roxo”). A berinjela é descrita por Donizete como filha de Vishnu. Vishnu, segundo a mitologia hindu, está diretamente ligado ao evento da morte e da destruição; tudo está a um passo de ser destruído ou re-criado, de tornar-se simulacro de si, de encarar-se diante do ridículo, do imprevisível e do *nonsense* (“E você vai ficar/ com o diploma de corno/ na mão”, *Lapidário órfico*, p.47). Donizete opta pelos entes mundanos, objetos e animais, do que aos homens; é a vingança das coisas diante da instrumentalidade, tornando o próprio homem mais um objeto, destituído de sua essência. Mas essa reviravolta é a ponta de um iceberg de um mundo humano mudo que já está aí: “Agora,/ homens são coisas,/ badulaques pendurados/ como galinhas na peia/ pelas feiras,/ de cabeça para baixo/ à espera de compradores”; é uma mudez que assumimos ao mundo. É um homem vestido de espantalho assustando “os pássaros/ da plantação de arroz” (*Arrozal*, p. 18). Donizete Galvão, sem desfazer da temática do imigrante, desdobra seu olhar cindido para outras dualidades: a do corpo e da alma em *Cisão* (p.28), dos homens e dos objetos (vale à pena citar os versos, “sem os objetos/ o corpo não tem gravidade/ diapasão/ rumo// o corpo precisa de contrapesos:/ a mesa/ a porta/ a cama” , p.37). O enredo da ruralidade permanece, é um mineiro e sua Minas que se debate nas grades, e uma cidade que agora parece vencer a resistência do meio, projetando seus tentáculos para todos os cantos.

Um poeta, dizem, pode tomar duas iniciativas após um caminho percorrido: ou se aprofunda nas veredas que já trilhou, ou se atira no abismo de uma nova verdade – estilo, tema e preocupações novas. Uma leitura predisposta a juízos que apreciações, pode reforçar a idéia de que o recente livro de Donizete não oferece expectativas que o destaquem em relação aos livros anteriores; discordamos, e até entrevemos nisso uma leitura limitada, a um livro que exigiu de seu autor abdicação de algumas de suas conquistas mais significativas. *Mundo mudo* reporta a uma radicalização que eclode

num território anterior à própria escrita. Contradizendo Wittgenstein, é preciso ouvir o que prefere calar. *Estudos para Paulo Pasta* (p.50-53) reporta à zona de risco da morte, porque “não há remédio”; e para com a vida só nos resta “os véus/ do invisível/ em seu vôo breve”. *Mundo mudo* é a fala em primeira pessoa que se emudece para que o outro venha. A frase de Rimbaud, *je suis un autre*, repercute nesse livro sob nova roupagem, um desejo de comunicação que simula novas representações. Tal como em Vishnu, Baco ou Jesus, o poeta se oferece em sacrifício; pois só se sacrificando, “Virá/ virá a aurora/ Não mais para mim” (*Outra aurora*, p.32). Se o poeta não inova seu recorte léxico ou semântico, reforça os motivos que o levaram a escrever, de que o mundo não está para ser apreendido; que por detrás da linguagem, não figura a lógica da política e do interesse. É “a sua dor/ e a dor alheia” que respondem por esse mundo, caminhar autóctone do caramujo que rasteja suas vísceras (*Caracóis*, p.38).

Cada poema desse livro parece ressoar o pedido drummondiano por “mãos dadas”. O escritor não evoca para si a fala do mundo, entanto por ele fala o mundo, ao pôr o mundo em destaque. Para que o mundo possa ser ouvido, é preciso fazê-lo ouvir. O escritor põe em relevo uma tela em que ele, e por que não dizer, nós pintamos. A citação de Emílio Moura no poema *Estudos para Paulo Pasta*, não nos parece arbitrária, “É a tela a vida?/ Nós a pintamos?”; é o jogo reflexivo de uma consciência que anuncia o mundo, pois, sem este jogo, a consciência, e por que não dizer, toda escritura, perder-se-ia “no limiar da dissolução” (p.50). Uma descoberta que não ocorreria por modismos ou por vanguarda. O cosmopolitismo de São Paulo, Donizete já não consegue resistir, avança por todos os lugares, os santos estão sendo roubados, é preciso prendê-los (*Santos nas grades*, p. 58-59). Borda da Mata já não precisa ser dita, nem comentada; ela é a resistência de cada homem em seu subúrbio. É o feitiço contra o feiticeiro, porque ao instrumentalizarmos tudo, instrumentalizamos a nós mesmos. Despimo-nos de tantas falácias, que não nos tocamos que o rigor também é uma falácia, e que a casa do ser não é a linguagem, mas a vida.

O poeta abdica de escrever sobre sua cidade natal, a prosódia de sua terra, no intuito de apontar o fato de que nós somos únicos e de que essa singularidade reporta a uma solidão comum; como no poema *Exílio* (p.73), onde a imigrante vê-se obrigada a declarar sua morada: “Não sou daqui, não/ Sou de Aracaju, Sergipe”. O lar não se trata

de um instrumento, mas um projeto, o coração de uma vida. Simplicidade e consistência objetivam um anonimato, uma escritura anônima; que aqui não é marcada por vocabulário e arcaísmo regionais, mas pelo que há de universal, sem ser impessoal, por uma objetividade, sem ser prosaica. Os homens reclamam para si uma transcendência. “Não sou daqui, não”, dito pela sergipana, encontra ressonância com a máxima cristã de ‘meu reino não é deste mundo’. Jesus reclama para si um mundo onde reconheceriam sua realeza; Buda, sendo príncipe, não reconhece o palacete como lar. Eis o terreno de uma cisão, de uma falta que nos habita. Os títulos das seções do livro apontam para isso: *a noite das palavras, os homens e as coisas*, e por fim, *os homens sem moradas*. As palavras não dão conta dos tropéis da humanidade (vale à pena os versos de *Os nomes*, p.15, “Quisera, agora/ repartir com você/ todos os trabalhos/ e os dias./ Sei – e como dói/ só o saber nesta hora –/ os nomes que me confundiam/ quando a cabeça/ estava mergulhada em livros.”), elas se perdem em sensações e sentimentos. As palavras, neste livro, tomam o lugar da mera figuração. O que importa aqui não é o jogo das metáforas, mas enunciar, em meio à contradição que isso representa, os fatos sem proposição, os objetos sem nomes, como se o acontecimento pudesse ser apontado (Diz o poeta em *Lady Macbeth*, “Que vê/ quando me vê?/ Um cão,/ um ladrão,/ um osso,/ um fosso,/ um traste,/ um rapaz/ de olhos tristes?”).

Mundo mudo reduz seus recursos no intuito de afirmar o mundo, não *como* ele é; mas o *que*, de fato, ele é. Diz o poeta em *Vôo cego*, p. 67, “Somos susto,/ fiasco,/ chiaspa,/ físgada de espinho./ À anos-luz/ de distância,/ nem nos pisca/ o Infundado,/ esse criador/ distraído/ e equivocado.” É a ausência que reverbera seu anonimato no palco da existência. Teogonia da orfandade que não escuta a voz de Deus. “Quisera ser de novo/ o filho que engraxaria/ os seus sapatos/ e os deixaria/ na escada do alpendre/ sob o sol da manhã./ Escovados,/ lustrosos/ para a missa de domingo” afirma o poeta em *Os nomes*, p.16. Não há maior humildade que um homem debruçado em seu trabalho. Ainda mais para seu pai. É a humildade de um mundo que se cala para ouvir. Não havendo como ouvir os mortos, ou os que não podem nascer, resta prestar atenção a outros órfãos no intuito de ouvir a si mesmo. Toda uma sinceridade e despojamento que habitam o poeta. Revolução silenciosa, na informalidade, despretençiosa da vanguarda. É o anonimato de si, valor único e imponderável, que reverbera naquele que parece o mais belo poema do livro, *Solitude*, p.23, “Juntos, em solitude./ Cada qual com

sua chaga./ Cada qual com sua cruz./ Dois corpos antes tão próximos,/ separados pela geografia/ que a mágoa desenha”. O poeta ainda pergunta, “O amor morreu?/ Não. Condensou-se”; pois o amor não se conserva, preserva-se, “nessas mãos tão íntimas,/ que, mesmo durante o sono,/ permanecem bem fechadas”. Os poemas desse *mundo mudo* não devem ser ignorados e despercebidos; ao contrário, eles nos pedem re-leituras sobre um mundo que, no fundo, é nosso convívio constante.

Rio de Janeiro, Outubro de 2003

André Luiz Pinto